

LUIZ GAMA, O POETA INVISÍVEL *

Sílvio Roberto dos Santos OLIVEIRA

RESUMO *O poeta Luiz Gama era negro, foi escravo, tornou-se herói abolicionista. A sua história foi registrada pela primeira vez em 1880 numa carta pessoal enviada a Lúcio de Mendonça. Nela, Gama parece narrar uma história que segue o modelo do herói tradicional, o homem que, após uma série de dificuldades e tragédias, consegue a superação. A história foi recontada por Mendonça e por escritores entusiasmados pelo caráter heróico que dela denota. Em vida o poeta publicou um único livro em duas edições: Primeiras Trovas Burlescas de Getulino (em 1859 e em 1861). Grande parte da crítica expressou o desejo de desvendar a biografia pelo texto poético, conferindo a este uma importância secundária. Pretende-se, neste trabalho, salientar as estratégias ficcionais presentes nos textos que reelaboraram a história de vida de Luiz Gama e comprovar como o texto poético foi submetido às interpretações biográficas. Objetiva-se também indicar o lirismo, e não só a sátira, como um componente de sua poética, frisar o cruzamento de referências clássicas e populares em seus versos e compreender como a sua percepção poética resolveu-se pelo acréscimo, e não pela exclusão.*

ABSTRACT *The poet Luiz Gama, a black man, was a slave and became an abolitionist. His history was first told in 1880 in a personal letter he sent to Lúcio de Mendonça. In this letter, Gama seems to tell a history of life that follows the pattern of the traditional hero: the man who succeeded even after a series of difficulties and tragedies. This history was retold by Mendonça and other writers interested in the heroic character that it presents. Gama published only one book: Primeiras Trovas Burlescas de Getulino (1859 – 1st edition – and 1861 – 2nd edition). Most of his critics expressed the wish of clearing up the biography of Gama through his poems, devoting to them a secondary importance. This work aims to underline the fictional strategies found in Gama's poems that elaborated Gama's history; to find evidence that the analysis of his poems were based on biographic interpretations. This thesis claims that the lyric poetry, not only*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 10 de fevereiro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Elias Allane Franchetti.

the satirical one, is a component of Gama's work and emphasizes the combination of popular and classic references in his poems and the fact that his poetic creation was defined by the addition rather than by the subtraction.

O poeta Luiz Gama nasceu a 21 de junho de 1830 em Salvador. Sobre a juventude do poeta sabe-se pouca coisa. E o pouco que se sabe encontra-se numa carta do próprio Luiz Gama dirigida em particular a Lúcio de Mendonça e também em texto por este último apresentado ao público um ano antes da morte do poeta.

Sobre a primeira fase de sua vida, repleta de dúvidas e talvez de despistes, Gama escreveu o seguinte: sua mãe, Luíza Mahin, negra livre e muçulmana, teria se envolvido em revoltas de escravos islamizados na Bahia e na *sabinada* durante a década de 30, fugido para o Rio de Janeiro e sido considerada desaparecida anos mais tarde.

O pai de Gama pertenceria a família baiana prestigiada e descenderia de portugueses (o seu nome nunca foi revelado). Em grave crise financeira, teria vendido o próprio filho aos dez anos como escravo. A mãe já estaria ausente desde os seus oito anos.

Conforme as próprias palavras do autor da carta, o menino Gama teria sido rejeitado por compradores no Rio de Janeiro por ser “baiano”. Segundo a interpretação de alguns historiadores, os escravos baianos eram temidos e considerados revoltosos devido às frequentes rebeliões escravas da primeira metade do século XIX.

Como não foi adquirido por nenhum comprador, Gama teria sido conduzido à casa do escravocrata Antônio Pereira Cardoso, em Lorena, município Paulista. Não parece haver dúvidas de que por lá ficou trabalhando até 1847. Até este ponto de sua vida a história foi contada de uma forma muito nebulosa, que, aos poucos, se preencheu de detalhes verificáveis.

Com o passar do tempo, seguindo sempre as trilhas do depoimento de Gama, ele teria conseguido desenvolver amizade com o jovem Antônio Rodrigues do Prado Júnior, que o iniciaria nas primeiras letras. Com a ajuda de Prado Júnior, teria aprendido a ler e a escrever e depois fugido aos dezessete anos, conseguindo provas (até hoje desconhecidas) de que era um negro livre. Um mistério dessa fase ainda não foi decifrado: como Gama conseguiu as provas de sua liberdade? E quais foram essas provas?

Gama tornar-se-ia militar, funcionário público, rábula e poeta. Ao que tudo indica, e segundo o relato do próprio Gama, teria libertado até o fim da vida mais de 500 escravos. O seu desempenho como jornalista, advogado, abolicionista e poeta confirmam a imagem de um intelectual polêmico.

Três características do poeta são decisivas para compreender o interesse por sua história tão recontada: era negro, foi escravo, tornou-se herói abolicionista.

Essa história foi registrada pela primeira vez ao modo ágil de um “folhetim romântico” em 1880 numa carta enviada a Lúcio de Mendonça.¹ A carta continha um depoimento autobiográfico feito a pedido do amigo. Naquele ano, o *leitor* da carta resumiu-se apenas ao seu destinatário.

Muito do que se ficou sabendo sobre a vida do poeta baseou-se em texto do próprio Mendonça publicado pouco tempo após a leitura da carta. Por muito tempo, o texto fundamental para conhecer a história de Gama foi o artigo intitulado *Luiz Gama* e publicado no **ALMANACH LITTERARIO de S. Paulo para 1881**.²

Além do que Lúcio de Mendonça publicou em 1880, e sempre com base na carta, nada se sabe sobre a infância de Gama, alguma coisa se sabe sobre a sua juventude, e há alguns “documentos” relativos a feitos de sua maturidade.

Em vida o poeta publicou um único livro em duas edições: **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino**.³ Foi publicado pela primeira vez em 1859, em São Paulo, pela Tipografia Dois de Dezembro de Antonio Louzada Antunes. Nessa 1ª. edição, o poeta apresentou 22 poemas. Motivou-se logo a uma 2ª. edição, publicando-a em 1861, dessa vez pela Tipografia de Pinheiro e Cia., no Rio de Janeiro. Da segunda edição, constaram 39 poemas.

Gama foi considerado por alguns analistas o precursor da poesia afro-brasileira (por exemplo, Zila Bérnd)⁴; por outros, o precursor do abolicionismo no Brasil (por exemplo, Sud Menucci)⁵; por pelo menos um crítico, a “emergência do povo na literatura romântica” (José Paulo Paes)⁶. E hoje há quem discorde da particularização do poeta em qualquer parâmetro redutor, pois Luiz Gama expressaria influências diversas (Lígia Ferreira Fonseca).⁷

Como poeta, Gama ficou conhecido pela sátira, especialmente a que se encontra no poema *Quem sou eu?*, poema mais conhecido como *A Bodarrada*, mas produziu também peças líricas como *A Borboleta* e *Meus Amores*.

¹ A expressão “folhetim romântico” é de Roberto Schwarz. Cf.: SCHWARZ, Roberto. Autobiografia de Luiz Gama. In: Novos Estudos Cebrap. São Paulo, Cebrap, no. 25, outubro de 1989.

² V.: MENDONÇA, Lúcio de. Luiz Gama. In: LISBOA, José Maria (org.). ALMANACH LITTERARIO de S. Paulo para 1881. São Paulo, Typografia da “Provincia”, 1880, p. 50 a 62.

³ V.: GAMA, Luís. Primeiras Trovas Burlescas de Getulino. São Paulo, Tipografia Dois de Dezembro, 1859. Também v.: _____. Primeiras Trovas Burlescas de Getulino. 2ª ed. Rio de Janeiro, Tipografia de Pinheiro e Cia., 1861.

⁴ BÉRND, Zila. O que é negritude. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁵ MENCUCI, Sud. O precursor do Abolicionismo no Brasil - Luiz Gama. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasileira, série 5, v. 119)

⁶ PAES, José Paulo. Luís Gama, poeta menor. In: _____. Mistério em Casa. São Paulo: CEC, 1961, p.39-45.

⁷ A edição organizada por Lígia Ferreira é, sem dúvida, a melhor e mais completa sobre a obra de Luiz Gama. Para esta tese, foram consultados diretamente os periódicos em que Gama publicou (Biblioteca Mário de Andrade, Biblioteca Nacional), bem como a segunda edição de 1861 (Biblioteca Nacional). Em meio às dificuldades em localizar a 1ª. edição do livro, foi utilizada a reedição organizada por Lígia Ferreira. V.: GAMA, Luiz. Primeiras Trovas Burlescas & Outros Poemas (edição e organização de Lígia Ferreira Fonseca). São Paulo, Martins Fontes, 2000. (Coleção Poetas do Brasil).

O caráter satírico dos poemas de Gama foi lido como derivação de sua personalidade risonha por críticos como Sud Menucci. Cabe perguntar: foi mesmo a biografia que permitiu a construção dessa leitura sobre o poeta? Ou, devido aos mistérios em torno da vida de Luiz Gama, muita vez os poemas serviram à releitura da imagem do abolicionista?

A história do poeta foi exaustivamente recontada por escritores entusiasmados pelo caráter heróico que dela denota bem como pela estrutura narrativa apresentada pela primeira vez por Mendonça e já latente na carta enviada por Gama.

Talvez os elementos acrescentados à história por essas repetições tenham resultado de alguma carga literária já presente na narrativa de Mendonça que, por sua vez, talvez tenha herdado estratégias do texto de Luiz Gama. Na carta, Luiz Gama parece narrar uma história que segue o modelo do herói tradicional, o homem que, após uma série de dificuldades e tragédias, consegue superar-se e impor-se.

Apesar do satirista muita vez confundir o seu leitor, ao despir-se do manto do poeta incomum, e tecer supostas autoreferências, é pouco cauteloso querer encontrar o autor nos poemas. Esse tipo de estratégia, comum à sátira, pode ter ativado a imaginação de alguns biógrafos de Gama, que, não resistindo ao atrativo da invenção, quando puderam enxergaram “informações biográficas” em seus versos. Por exemplo, Orígenes Lessa:

Luís Gama é uma alma limpa. Sente-se inteiramente à vontade na sua negritude...

Era mui bela e formosa,
era a mais linda pretinha,
da adusta Líbia rainha
e no Brasil pobre escrava.

Está evocando – e sempre assim o fará – a figura materna, que tantas lendas e fantasias inspirou. Não evoca – jamais evocará – a figura paterna, o pai de raça “superior” que não hesita em vender o filho como escravo numa grande abertura financeira.⁸

A conjugação de todas essas mitologias gerou algumas obras de ficção propriamente literárias, em textos de Raul Pompéia,⁹ Viriato Corrêa¹⁰ e Afonso Schmidt.¹¹ Mas talvez o texto mais importante para avistar a imagem de Gama sob a mitologia islâmica seja o romance de Pedro Calmon, **Os Malês: a insurreição nas senzalas**.¹² Alguns escritores,

⁸ LESSA, Orígenes. Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982 (Literatura Popular em Verso, 3), p.4.

⁹ V.: POMPEIA, Raul. A mão de Luiz Gama. In: SCHMIDT, Afonso. O canudo. São Paulo: Círculo do Livro, 1963, p. 83-128.

¹⁰ V.: CORRÊA, Viriato. Cazuza. 25ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 1976.

¹¹ V.: SCHMIDT, Afonso. A Marcha (Romance da Abolição). São Paulo, Brasiliense, 1981.

¹² CALMON, Pedro. Malês: A Insurreição das Senzalas. 2ª ed., Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2002.

como Pedro Calmon, alimentaram o imaginário a respeito de Luiza Mahin, recriando-a como uma princesa africana ou como líder da revolta de 1835.

A recorrência aos versos de Gama para explicar a sua atuação abolicionista se deu de forma gradativa, apesar de que o texto de Mendonça detenha novamente a primazia: foi o primeiro *escrito com algum teor literário* associando a imagem do advogado baiano à de um personagem mitificado e antigo: Espartacus. Mas como Mendonça limitou-se a um comentário rápido sobre a poesia, os méritos de uma fortuna crítica sobre Gama podem ser transferidos ao Sílvio Romero de 1888, que, recorrendo à opinião do primeiro, definirá o poeta como “um dos mais *engraçados satíricos*”.¹³

Romero é o fundador de uma tradição crítica a respeito de Gama. Funda em verdade uma *maneira de ler* a poesia de Gama, segundo ele “merecedor de atenções e simpatias particulares”. De certo modo, “as atenções... particulares” conferidas ao abolicionista Gama permitiram certa imunidade literária ao poeta. Mas a falta de severidade enxergou apenas um riso que, segundo o olhar errado de Romero, estava condenado ao esquecimento. Não só a sátira de Gama ainda é atual como os seus poemas vão além da sátira. Há mesmo o traço lírico como o do poema *A Borboleta*:

A BORBOLETA

Sobre a açucena,
Que no horto alveja,
A borboleta
Mansinha adeja;

Libando os pingos
De orvalho brando,
Que a nuvem loura
Vem salpicando.

.....

Ao pôr da tarde
Pousa em delírio
Nas tenras folhas
Do roixo lírio.

E o frágil corpo
Em sono brando,
Que embala a brisa,
Que vem soprando,

Alvío encontra
Na solidão
Até que d'alva
Rompa o clarão.

¹³ Cf. ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*, v. IV, 3ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, p. 117-19.

Gama vinculou-se à tradição satírica manifestada na produção do português Xavier de Novais. Reaproveitando temas da tradição, citou texto de Novais no poema *Lá vai Verso*:

Quero também ser poeta,
Bem pouco, ou nada, me importa
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta.

Em Gama após os versos aparece um ponto, mas no original do poeta português há dois pontos e Xavier de Novais continuaria dizendo que

depois de ter dito – “quero”-
Sou Alexandre, no fogo
Contra os críticos sou Nero,
Tente, embora, o amis austero
Sufocar-me o desafogo;
Se hei de ser segundo Homero,
Se hei de ser outro Virgílio,
Lá no futuro, um concílio
Dará decisão: - famosa,
Se os versos que fazer tento
Não forem rasteira prosa!

Ao interromper os versos de Xavier de Novais em sua citação com o ponto posto, Gama nos deu mostras de como quis interferir, ler e reinterpretar os textos com o seu vezo e ao seu modo. É interessante notar como o satírico português expressou as mesmas incertezas, irônicas, claro, sobre a sua inserção no panteão dos poetas, tal e qual fez Gama. Aliás, o poema de Gama começa assim:

Alta noite, sentindo o meu bestunto
Pejado, qual vulcão de flama ardente,
Leve pluma empunhei, incontinenti,
O fio das idéias fui traçando.

Observe-se o parentesco com o poema *Sonho*, também de Xavier de Novais (recriado por Gama):

Era alta noite, e, livre de cuidados,
Entre lençóis grosseiros, eu sonhava
Que um parente morrera, e me deixava
A herança de seiscentos mil cruzados!

Em *Quem sou eu?* o poeta aplicou a todos os brasileiros um epíteto pejorativo antes lançado apenas aos considerados mulatos:

Hão de chamar-me tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;

Porém eu, que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode,
Pouca importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta.
Pois que a espécie é muita vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...

Para Gama, todos seriam *bodes - brancos, negros, pardos* e de outras cores, *senadores, deputados*, todos, enfim. Luiz Gama entornou e reverteu a expressão poética para um olhar renovador, um ponto de vista diferenciado. O lugar de mestiço faz parte do diferencial em Luiz Gama. A inovação e o valor preponderante dos poemas de Gama residem na convicção de sua identidade. *Quem sou eu?* deve ser lido como parte integrante do corpo poético construído por Gama (no livro e fora dele). É um *detalhe*, e não um *fragmento* lançado sem compromisso aos olhares críticos. Entanto, foi lido como fragmento, e não como detalhe do corpo.

Em 1945, Arlindo Veiga dos Santos publicava **A Lírica de Luiz Gama**. O título por si só já era muito novidadeiro. Afinal, o poeta ficara conhecido por sua sátira, não por sua lírica. Manuel Bandeira já havia incluído Gama entre os românticos em sua **Antologia dos poetas brasileiros: poesia da fase romântica** do final da década de 30. A importância de Bandeira *legitimou* a inclusão de Gama em outras antologias. De certa forma, Bandeira anunciou um modo mais criterioso de ler Gama ao valorizar aspectos de seus poemas relacionados à tradição literária. Por outro lado, relevou, como tantos, a riqueza estética do poema *Quem sou eu?*, exaltando-o em oposição qualificativa aos restantes.

O suposto pouco apuro formal dos outros poemas de Luiz Gama pode indicar duas coisas:

1 Luiz Gama deixou transparecer em seus versos a filiação com a expressão popular, não reproduzindo a obsessão da escrita depurada, mas apresentando uma opção *formal diferenciada*.

2 Luiz Gama também escapou com criatividade àquilo que Antônio Risério viria a enxergar nos “mulatos pernósticos”, expressão que é sua (numa leitura renovada das idéias de Bastide): a necessidade de *falar* e *escrever* com apuro, de não ser facilmente

compreendido, pois “as palavras ribombantes podem parecer, à pessoa privada de *status*, um meio de elevar-se na escala social”.¹⁴

Orígenes Lessa forneceu novidades na sua pesquisa comparativa (publicada em 1982) em que aproximou Inácio da Catingueira e Luiz Gama.¹⁵ Lessa avançou originalmente as questões, pois conseguiu propor e enxergar três pontos fundamentais e de grande relevância:

1° Luiz Gama teria rompido as fronteiras entre *Literatura Popular* e uma possível *Literatura Erudita*; essas duas formas foram apropriadas como sem hierarquia.

2° o *ser negro* em Luiz Gama e em Inácio da Catingueira teria sido mais expresso como uma postura e uma consciência do que em termos biotípicos ou fenotípicos (“ambos quase negros, por negros tidos”). Assim, interpretou a identidade que se espelhava em um e em outro. O título já prenunciava essa idéia: dois *negros* contra o racismo dos *mestiços*.

3° Haveria uma veia lírica dos poemas de Getulino. Arlindo Veiga dos Santos isto já apontara.

O poema *Prótase*, por exemplo, deve ser lido pela circularidade identitária, pois, a categorização da identidade artística, e aparentemente humilde, é primária mas remete também à identidade social das palavras “filhas de um bestunto que não rende”:

No meu cantinho,
Encolhidinho,
Mansinho e quedo,
Banindo o medo,
Do torpe mundo,
Tão furibundo,
Em fria prosa
Fastidiosa-
O que estou vendo
Vou descrevendo.
Se de um quadrado
Fizer um ovo
Nisso dou provas
De escritor novo.

.....

Grosseiras produções d'inculta mente,
Em horas de pachorra construídas;

¹⁴ Cf.: RISÉRIO, Antonio. Black Out – a exclusão do texto africano. In: REVISTA USP, n. 18 (junho/ julho/ agosto). São Paulo, Usp, 1993, p. 119.

¹⁵ LESSA, Orígenes. Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços. Rio, Casa de Rui Barbosa, 1982.

Mas filhas de um bestunto que não rende
Torpe lisonja às almas fermentadas.

.....

O derrisório e a reverência estratégica também estão presentes nos poemas de Luiz Gama fundando e afirmando uma identidade afro. Ao resgatar a identidade quase perdida através do resgate de si mesmo e da apropriação do outro, a poética de Gama tornou-se uma poética apropriadora, uma grafofagia dos sentidos: ao rir dos costumes, ao afirmar a identidade, ao cruzar as referências, ao homenagear os clássicos, ao dessacralizá-los, ao citar a fala cotidiana, ao profanar a história, ao participar do lirismo romântico e ao expressar sentimentos através de formas tradicionais. Seguem alguns exemplos:

· RISO DESSACRALIZADOR DO CLÁSSICO:

Quero a glória abater de antigos vates,
Do tempo dos heróis armipotentes;
Os Homeros, Camões – aurifulgentes,
Decantando os *Barões* da minha Pátria!
(*Lá Vai Verso*)

· RISO QUE ADOTA A IRONIA DA POESIA POPULAR:

Sobre as abas sentado do Parnaso,
Pois que subir não pude ao alto cume,
Qual pobre, de um Mosteiro à Portaria,
De trovas fabriquei este volume.
(*Prótase*)

· USO DA AUTO-IRONIA:

Que estou a dizer?!
Bradar contra o vício!
Cortar nos costumes!
Luiz, outro ofício...
(*NO ÁLBUM do Meu Amigo J. A. da Silva Sobral*)

· DESVIO DO SENTIDO DE IMAGENS CLÁSSICAS:

Passinhos de Ninfa
Mimosa, engraçada;
Parece uma fada,
Nem Vênus formosa
Como ele é garbosa!
(*O Gamenho*)

· UTILIZAÇÃO DE FORMAS E IMAGENS ROMÂNTICAS:

Meneia os leques
Por entre as flores,
Que o ar perfumam
Com seus olores.
(*A Borboleta*)

· RETOMADA DE QUESTÕES SUBJETIVAS COMUNS À POESIA
LÍRICA:

Que mundo? Que mundo é este?
Do fundo seio dest'alma
Eu vejo... que fria calma
Dos humanos na fereza!
(*Que Mundo é Este?*)

· INCLUSÃO DE NOVOS VALORES AO LADO DOS VALORES
PREDOMINANTES:

Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a cor,
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor.
(*A Cativa*)

· PARTICIPAÇÃO NOS TEMAS COMUNS AO LIRISMO ROMÂNTICO:

Oh, que saudades que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c'os tenros filhinhos
Ela sorrindo brincava.
(*Minha Mãe*)

Na poesia de Luiz Gama avulta uma percepção harmônica do mundo resolvendo-se em acréscimo, e não em exclusão: a sua identidade firmou-se pela absorção do outro e não só pela confirmação de si mesmo.

Sua poesia ofereceu uma visão de identidade sem a pretensão da solução prototípica absoluta e dissolvidora das tensões. A poesia de Gama é plural, multifacetada, resolve-se em acréscimo, e não em exclusão: a sua identidade poética firmou-se também pela absorção do outro e não apenas pela confirmação de si mesmo. Motivou, enquanto grafologia dos sentidos, leituras plurais. Sem ornamentos. Nela há o deslocamento do olhar dominante e também o deslocamento da visão imposta ao culturalmente subjogado.

BIBLIOGRAFIA

- BÉRND, Z. (1988). *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense.
- CALMON, P. (2002). *Malês: A Insurreição das Senzalas*. 2ª ed., Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia.
- CORRÊA, V. (1976). *Cazuza*. 25ª ed., São Paulo, Editora Nacional.
- GAMA, L. (2000). *Primeiras Trovas Bulescas & Outros Poemas* (edição e organização de Lígia Ferreira Fonseca). São Paulo, Martins Fontes. (Coleção Poetas do Brasil).
- LESSA, O. (1982). *Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (Literatura Popular em Verso, 3), p.4.

- LESSA, O. (1982). Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços. Rio, Casa de Rui Barbosa.
- MENDONÇA, L. (1880). Luiz Gama. In: LISBOA, José Maria (org.). ALMANACH LITTERARIO de S. Paulo para 1881. São Paulo, Typografia da "Provincia", p. 50 a 62.
- MENNUCI, S. (1938). O precursor do Abolicionismo no Brasil - Luiz Gama. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Coleção Brasileira, série 5, v. 119)
- POMPÉIA, R. (1963). A mão de Luiz Gama. In: SCHMIDT, Afonso. O canudo. São Paulo: Círculo do Livro, p. 83-128.
- RISÉRIO, A. (1993). Black Out – a exclusão do texto africano. In: REVISTA USP, n. 18 (junho/ julho/ agosto). São Paulo, Usp, p. 119.
- ROMERO, S. (1943). História da Literatura Brasileira, v. IV, 3ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, p. 117-19.
- SCHMIDT, A. (1981). A Marcha (Romance da Abolição). São Paulo, Brasiliense.
- SCHWARCZ, R. Autobiografia de Luiz Gama. In: Novos Estudos Cebrap. São Paulo, Cebrap, no. 25, outubro de 1989.